

Minna VIHLA. *Medical Writing. Modality in Focus*,
Language and Computers: Studies in Practical Linguistics,
Amsterdão / Atlanta, GA: Editions Rodopi B. V. 1999.
vii + 170 pp.
ISBN: 90-420-0708-7

Maria da Graça L. Castro Pinto
mgraca@letras.up.pt
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

Medical writing. Modality in focus realça a pertinência do estudo da escrita nas várias áreas profissionais e adverte para o facto de os que a usam deverem estar conscientes das suas características quando pretendem ser reconhecidos pelas respetivas comunidades profissionais. Sente-se, por parte da sua autora, Minna Vihla, uma preocupação particular com o ensino da escrita profissional/académica a falantes não-nativos do inglês, tida hoje como *língua franca* em ciência, se desejarem que os seus trabalhos sejam publicados. Essa preocupação educativa ocorre logo no primeiro parágrafo da *Introduction* e é retomada na *Conclusion* quando esta estudiosa adianta que o conhecimento das convenções textuais da escrita profissional “is a tool not only for the **beginning scholar** but for all using and producing disciplinary texts” (p. 138) (negrito meu).

A obra em análise não apresenta qualquer informação biográfica sobre Minna Vihla; todavia, à medida que se avança na sua leitura, torna-se notória a proximidade de quem a escreveu à escrita médica e não só numa perspetiva linguística. Ora ela é efetivamente médica conforme se pode ler em Siemund (2003: 82).¹

Medical writing. Modality in focus representa bem o testemunho de um profissional da medicina que sente que as produções textuais da sua área

¹ *Medical writing. Modality in focus* corresponde a uma versão revista da tese de doutoramento defendida por Vihla na Universidade de Helsínquia em 1998 (ver Siemund 2003: 83).

denotam as intenções dos seus autores, de acordo com os diferentes géneros e seguindo as convenções exigidas, e devem, apoiadas nomeadamente nas expressões modais que nelas figuram, suscitar o fim almejado nos leitores.

Autores como, por exemplo, Vázquez & Giner (2009) e Guimarães (2009) também estudam na escrita académica, embora em disciplinas distintas da medicina, a *modalidade*, mais concretamente os reforços (“boosters”) e os atenuadores/evasivas (“hedging”), designadamente em artigos científicos. O livro de Vihla distingue-se porém desses estudos por se refugiar num domínio com variados géneros que jogam diversamente com a *modalidade* consoante o público-alvo e por ser muito prático (Siemund 2003: 82).

A escolha da área disciplinar da medicina para este estudo é de saudar, porquanto a escrita médica vive muito da *modalidade* a diferentes níveis. Convirá contudo especificar o que a autora entende nesta obra por escrita médica. Num dos extremos dessa escrita, ela localiza o discurso científico e, no outro, os textos dirigidos ao público em geral. Entre os dois polos, situa os textos que se destinam a clínicos e a estudantes (Vihla 1999: 37-38). Dependendo dos destinatários e dos conteúdos a transmitir, variará naturalmente a *modalidade*.

No prefácio, quando Vihla refere a dificuldade que representa encontrar a melhor resposta à pergunta “«What can I answer to a patient who is afraid of having cancer?»” (Vihla 1999: vii) que lhe foi colocada por um colega, acompanhamos a sua sensibilidade relativamente ao uso adequado da *modalidade* neste tipo de situação e porventura também na vida corrente. Apesar de, conforme profere, as expressões modais já terem sido amplamente tratadas em linguística, o mesmo não se terá passado no discurso médico e nos seus vários géneros (Vihla 1999: 2). Perfilhando o pensamento desta estudiosa, teremos de admitir que as expressões modais merecem com efeito um estudo mais abrangente na medicina.

O tema principal desta obra é por conseguinte o estudo de alguns aspetos da *modalidade* na linguagem médica apoiado num *corpus* composto pelos géneros (textuais) a que a medicina nos habituou. O *corpus* em causa é o *Medicor*², composto por artigos científicos, editoriais, compêndios, manuais profissionais, guias de divulgação e artigos de divulgação (Vihla 1999: 3 e 37-38).

² Trata-se de um *corpus* constituído por textos médicos americanos com cerca de 400 000 palavras, mais precisamente 397 963 (Vihla 1999: 37).

Medical Writing. Modality in Focus começa com as listas das tabelas e figuras (pp. iv e v) e prossegue com as abreviaturas usadas (p. vi). Tem um prefácio (p. vii), a (1.) *Introduction* (p. 1-5), 14 capítulos (2 a 15) – que serão passados brevemente em revista após a sua identificação mediante os respetivos títulos e paginação – e a (16.) *Conclusion* (p. 136-138). Por fim, surgem as *References* (pp. 139- 151, os *Appendices* (N=3) (pp. 152-165), o *Index of authors* (pp. 166- 168) e o *Index of subjects* (pp. 169-170). Não obstante o número de capítulos (2 a 15) ser significativo e o volume só possuir 170 páginas, importa dizer que, apesar de não serem, no geral, muito longos, os capítulos são densos e comportam, sempre que exigido, figuras, tabelas e exemplos adequados de (expressões) modais.

Depois de a autora nos dar uma breve panorâmica da obra na *Introduction* (pp. 1-5), no capítulo 2. *Professional languages and genres* (pp. 6-16) justifica, baseada numa boa fundamentação bibliográfica, a necessidade de estudar as linguagens profissionais em função do contexto de uso e termina com a alusão ao “género” como sendo “a central notion in current analyses of professional languages” (Vihla 1999: 14). Para esta cientista, na sua obra, o “género” refere-se a uma classificação “based on text-external criteria” (ver, a este propósito, Vihla 1999: 14). Finaliza o capítulo anunciando que os mencionados géneros foram estudados por meio de métodos linguísticos que se baseiam num *corpus* e que, neste estudo, o discurso médico é visto como uma coleção de textos que representam variados géneros, desde artigos científicos a artigos de jornais e de revistas não dirigidos a leitores profissionais. A abordagem adotada é comparativa quanto aos géneros e, para tal, são comparados os géneros do *corpus* em causa entre si e com outros *corpora* através de uma análise quantitativa.

O capítulo 3. *Modality* (pp. 17-35) oferece um enquadramento teórico importante, já que a autora familiariza o leitor com diferentes expressões modais, destacando graus de modalidade que traduzem níveis de comprometimento (desde a impossibilidade à necessidade passando pela possibilidade) e tipos de modalidade (epistémico, dinâmico e deontico). Vihla foca a sua atenção sobretudo nos usos epistémico e deontico, relacionados respetivamente com a pesquisa e a prática, enquanto aspetos da medicina. Por fim, sublinhando o papel deste capítulo em termos do enquadramento teórico do estudo em análise, escreve esta investigadora: “The analytical distinctions presented in this chapter form the basis for the empirical part of

the work” (p. 35).

O capítulo 4. *Materials and methods* (pp. 36-45) integra os aspetos metodológicos. São descritos vários *corpora*; no entanto, o estudo de *corpus* que figura nesta obra centra-se nas diferenças entre grupos de textos que representam diversos géneros na área da medicina. O contexto de uso também deve ser convocado porque, segundo a autora, interessa observar de que forma as expressões modais “reflect the disciplinary context of language” (p. 37).³ Os géneros são classificados em diretivos, argumentativos e expositivos⁴ e são evocados dois aspetos de variação de registo: o genérico e o intratextual. A análise das expressões modais – divididas em expressões de possibilidade, de probabilidade/certeza e prescritivas – inclui uma parte não-semântica e uma parte semântica. As ferramentas estatísticas utilizadas na análise do material e as técnicas de procedimento seguidas são também divulgadas.

No capítulo 5. *Modals* (pp. 46-50), Vihla principia a exposição dos resultados quantitativos e aduz os modais mais frequentes em conformidade com os géneros.

Da sinopse do capítulo 6. *Expressions of possibility* (pp. 51-55), sobressai que as expressões de possibilidade e as expressões de possibilidade epistémicas são mais frequentes nos textos diretivos do *corpus*. Para a autora, “This suggests that directive medical texts aim at covering all possible situations the reader may encounter” (p. 55).

O capítulo 7. *Indicating a higher degree of commitment* (pp. 56-61) trata de um material mais argumentativo: as expressões de probabilidade e certeza são mais comuns nos editoriais e as expressões mais “experimentais” nos artigos científicos.

O capítulo 8. *Obligations and recommendations* (pp. 62-66) coloca-nos diante de expressões prescritivas, especialmente características dos textos profissionais diretivos. Não obstante a amostra ser reduzida, Vihla avança

³ O *Medicor* comporta 179 textos divididos em textos profissionais (artigos científicos e editoriais, amostras de compêndios e de manuais) e textos de divulgação (artigos de jornais e de revistas e amostras de guias). Só figuram textos contemporâneos americanos por causa da sua elevada divulgação, assinados por, pelo menos, um autor de língua inglesa pertencente a uma instituição americana para tornar o *corpus* representativo, no dizer de Vihla, de um “native-level English” (ver Vihla 1999: 38).

⁴ Exemplos de géneros diretivos: amostras de manuais e compêndios clínicos nos textos profissionais e amostras de guias nos de divulgação; exemplos de géneros argumentativos: artigos científicos e editoriais nos textos profissionais; exemplos de géneros expositivos: compêndios científicos nos textos profissionais e artigos de divulgação nos textos de divulgação (ver Vihla 1999: 40).

que o uso de expressões modais nos compêndios clínicos assemelha-se ao seu emprego nas amostras de manuais profissionais. Na escrita não-diretiva, as frequências desses modais são similares. Este capítulo vem documentado com exemplos de linguagem prescritiva e de (semi-)modais deonticos ocorrentes no *Medicor*.

O capítulo 9. *Intratextual variation* (pp. 67-72) visa mostrar a variação entre diferentes secções dos artigos científicos e dos artigos de divulgação e editoriais. Depois da análise que nos é oferecida, fazem todo o sentido as seguintes palavras de Vihla: “Unlike in research articles, significant intratextual variation was not observed in the editorial and popular articles of *Medicor*” (p. 72).

No capítulo 10. *Comparing corpora* (pp. 73-83), a autora compara o que se passa com o uso das expressões modais no *Medicor* e noutros *corpora* como, por exemplo, o *Lancaster*, o *Brown* e o *British National Corpus* e conclui que, embora os *corpora* difiram uns dos outros, os modais são utilizados de um modo particular em certos géneros de escrita médica, o que os distingue do que se passa no inglês “não-especializado”, que compreende vários domínios de uso da língua.

O capítulo 11. *Textual dimensions of medical genres* (pp. 84-88) aponta as elevadas frequências de modais típicos de uma escrita que implica envolvimento (por oposição a uma escrita informativa) nos textos médicos diretivos e para o uso de modais típicos de uma escrita persuasiva nos manuais profissionais, nos compêndios clínicos e, numa menor escala, nos editoriais. Explora em seguida o uso de pronomes e de conjunções nos diversos géneros.

O capítulo 12. *Pragmatic aspects of modality* (pp. 89-101) alerta para o estudo da linguagem tendo em conta o contexto de uso. São analisadas expressões modais utilizadas com o objetivo de indicar não comprometimento, fiabilidade e cortesia, funcionando como atenuadores (“hedges”) para mitigar as afirmações. Vihla anota ainda que os termos estatísticos também podem ser usados para aumentar a força argumentativa do texto. O capítulo encerra com uma análise qualitativa dos atenuadores num artigo científico, demonstrando o seu papel para lá do de outras expressões epistémicas já consideradas.

O capítulo 13. *Argumentation in medical texts* (pp. 102-118) evidencia a

relevância das expressões modais no discurso argumentativo. Vihla avança que os editoriais usam estratégias interpretativas e que os artigos científicos devem depender mais de estratégias experimentais em consonância com a sua estrutura textual. No fim do capítulo, é-nos facultada uma análise qualitativa de extratos de um artigo científico e de um editorial.

No capítulo 14. *Modality and the disciplinary context of medicine* (pp. 119-125), ressaltam três partes. Na primeira, os modais deonticos são examinados na qualidade de indicadores de normas profissionais. Na segunda parte, a autora apresenta os contextos científico e clínico e caracteriza a escrita de cada uma dessas vertentes. A terceira parte reporta-se ao que Vihla chama “socialization into the profession” (p. 124).⁵

O capítulo 15. *Medical genres* (pp. 126-135) exhibe uma hierarquia funcional dos géneros médicos e os seus diversos papéis na medicina. Ao género metatextual a que pertencem os editoriais, Vihla acrescenta dois novos géneros de escrita médica: as revisões sistemáticas e os resumos de artigos científicos ou revisões escritos por terceiros (“value-added abstracts”).⁶ O capítulo termina com uma secção intitulada “Medicalization” que diz respeito aos anúncios⁷ (um outro possível ‘género médico’ de acordo com Vihla 1999: 135) que se servem da linguagem médica para persuadir ou, com argumentação baseada em fontes, para assegurar autoridade.

Na (16.) *Conclusion* (pp. 136-138), Vihla sintetiza todo o percurso feito ao longo da obra realçando os aspetos científico e prático da medicina e o que implicam baseados nas expressões modais utilizadas. O aludido espírito pedagógico da autora encontra-se reforçado no seguinte excerto: “Awareness of linguistic features typical of a certain genre or register is one of the skills especially needed in the academic world where written language is the main form of distributing information” (Vihla 1999: 138).

Medical Writing. Modality in Focus, além de nos dar uma análise cuidadosa da *modalidade* na escrita médica, mostra o papel que a sua

⁵ Entendida pela autora como a familiarização do principiante com a experiência da comunidade científica por meio de compêndios científicos que usam as expressões modais numa escala que visa essencialmente uma função formativa profissional (Vihla 1999: 124-125).

⁶ Ver Vihla 1999: 129-130; relativamente aos modais presentes nos comentários dos “value-added abstracts”, consultar a Tabela 15, p. 131.

⁷ Os anúncios estão normalmente relacionados com produtos alimentares, habitações e tipos de vida (Vihla 1999: 132-135).

autora atribui às expressões modais na escrita académica⁸ e nas variadas linguagens específicas. A abordagem de Vihla contribui assim para olharmos a *modalidade* como uma variável que ajuda a reforçar a credibilidade que deve emanar dos textos científicos, para lá da que advém de um recurso rigoroso às fontes (ver Paradis 2006), as quais, tomando por base *Medical Writing. Modality in Focus*, podem ser enquadráveis na cortesia.

A tarefa empreendida por Vihla não foi fácil. A própria autora, embora se justifique, escreve: “It might be argued that the findings of the semantic analyses are biased because only one analyser was used in the present work.” (p. 43). Na verdade, só uma pessoa com muita familiaridade com textos médicos pode discriminar, em passagens menos transparentes, a *modalidade* que o autor de um texto quis conferir a uma certa expressão modal que possa abranger *modalidades* distintas. A formação de Vihla conferiu-lhe porém a capacidade para desvelar o que um leitor menos preparado pode achar opaco.

A densidade de *Medical writing. Modality in focus* compensa a sua (menor) extensão, seja global, seja de cada capítulo. Não interferindo tal facto na qualidade da obra, penso que esta teria beneficiado se Minna Vilha tivesse optado por agrupar em partes os 14 capítulos que a integram obedecendo aos seus conteúdos.⁹

A análise, com base no *Medicor*, da disposição da *modalidade* nos diferentes géneros e no interior de cada género na escrita médica foi muito bem conseguida em *Medical writing. Modality in focus*, fazendo com que esta obra se destine, em minha opinião, a um público especializado não restrito, quer porque o seu conteúdo interessa a linguistas que trabalhem com *corpora*, com a análise de discurso, com a semântica, particularmente no que concerne aos modais, ou com a escrita e suas implicações, quer porque encerra ensinamentos inestimáveis sobre a escrita médica para os (futuros) profissionais da área da medicina.

Enquanto linguista e ex-colaboradora de um laboratório de estudos da linguagem num hospital da cidade do Porto, só posso recomendar a leitura

⁸ Sobre o ensino da leitura académica, ver Figueiredo-Silva (2001).

⁹ Excluindo a *Introduction* e a *Conclusion*, os restantes 14 capítulos da obra (2 a 15) poderiam dividir-se em três partes. A primeira encerraria o enquadramento teórico e iria até ao capítulo 5. A segunda parte seria dedicada à análise quantitativa dos resultados (capítulos 6 a 11). A terceira parte daria respeito a uma análise mais de ordem qualitativa e integraria os capítulos 12, 13, 14 e 15.

de *Medical writing. Modality in focus.*

REFERÊNCIAS

- Figueiredo-Silva, M. I. R. de 2001. Teaching academic reading: some initial findings from a session on hedging. *Proceedings of the Postgraduate Conference 2001 – Department of Theoretical and Applied Linguistics*. The University of Edinburgh, 1-13. Disponível em: <http://www.lel.ed.ac.uk/~pgc/archive/2001/Isabel-Figueiredo-Silva01.pdf>, acessado em 9 de junho de 2012.
- Guimarães, M. S. de A. 2009. *Escrita acadêmica e avaliação: o uso de reforços e atenuadores em artigos científicos publicados em inglês por pesquisadores brasileiros*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. Tese para a obtenção do Título de Doutor em Linguística Aplicada. Disponível em: [http://opus.grude.ufmg.br/opus/opusanexos.nsf/401ea73efc01934f83256c13006ab709/8d420fab0ff73376832579df0057a750/\\$FILE/MONICA_SOARES_DE_ARAUJO](http://opus.grude.ufmg.br/opus/opusanexos.nsf/401ea73efc01934f83256c13006ab709/8d420fab0ff73376832579df0057a750/$FILE/MONICA_SOARES_DE_ARAUJO), acessado em 2 de junho de 2012.
- Paradis, M. 2006. More *belles infidèles* – or why do so many bilingual studies speak with forked tongue? *Journal of Neurolinguistics* 19 (3): 195-208.
- Siemund, R. 2003. Minna Vihla. *Medical writing. Modality in focus* (Language and Computers: Studies in Practical Linguistics 28). Amsterdam – Atlanta, GA.: Rodopi, 1999, xii + 170 pp. ISBN 90-420-0708-7. *ICAME Journal* 27: 82-89. Disponível em: <http://icame.uib.no/ij27/review7.pdf>, acessado em 9 de junho de 2012.
- Vázquez, I. & Giner, D. 2009. Writing with conviction: the use of boosters in modelling persuasion in academic discourses. *Revista Alicantina de Estudios Ingleses*. 22: 219-237. Disponível em http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/13822/1/RAEI_22_14.pdf, acessado em 9 de junho de 2012.